

# XX Semana de Educação da Pertinência Afro-Brasileira

VI Colóquio Internacional de Educação das Relações Étnicas  
VII Encontro de Religiões de Matriz Africana  
VII Fórum de Educação: Leis 10.639/03 e 11.645/08 Gênero e Diversidade sexual  
VII Encontro Estadual de Educação das Relações Étnicas  
II Festival das Artes: ancestralidades em movimento  
IV Congresso Internacional de Educação, Língua, Cultura e Território - CIELCULTT

16 A 20  
NOVEMBRO  
DE 2024



## UTOPIA DO PARAÍSO RACIAL: a elite brasileira e seus ideais

Grasiela Ramos de Oliveira <sup>\*1</sup>, Benedito Gonçalves Eugenio<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

\* grasiela.taio@gmail.com

Trabalhos completos – GT 01 – Etnicidades, Educação e Memória

### RESUMO

O presente artigo objetiva compreender de que maneira a elite influenciou na materialização do Mito da Democracia Racial. Pretende-se apresentar o debate em torno de uma pesquisa bibliográfica com uma revisão de literatura através dos estudos de Azevedo, (1975); Eliane Azevedo, (1987); Moura, (1988); Munanga, (2008); e Bechelli, (2023) autores(a) que enfatizaram a temática em meados do século XX. Os resultados contribuíram para o entendimento que a elite teve grande influência para a materialização do Mito da Democracia Racial, como também, foi sofisticado e perverso porque produziu uma consciência distorcida para todos os envolvidos nas relações raciais, tal qual é uma construção social que visa colocar o homem branco em lugares de poder, onde o negro é objetificado e submisso.

**Palavras chave:** Democracia Racial. Elite. Ludíbrio.

### INTRODUÇÃO

No contexto social que estamos inseridos, é normal nos indagamos de onde veio a tanta democracia que nos é propagada, de onde ela se originou? Por ora, convido você a voltar no final do século XIX e início do século XX para compreender um pouco do contexto de surgimento do Mito da Democracia Racial no Brasil, ideologia esta que teve a finalidade de difundir uma democracia, na qual, todos eram iguais, não havia distinção de raça e todos tinham direitos igualitários.

Assim, este artigo tem como objetivo compreender como a elite daquela época contribuiu para a concretização dessa ideologia que até nos dias de hoje nos assombram, com roupagens distintas, mas com a mesma finalidade daquela época, fundamentada em um aporte teórico com distintos autores, tais quais Azevedo, (1975), Eliane Azevedo, (1987), Moura, (1988), Munanga, (2008), e Bechelli, (2023).

# XX Semana de Educação da Pertinência Afro-Brasileira

VI Colóquio Internacional de Educação das Relações Étnicas  
VII Encontro de Religiões de Matriz Africana  
VII Fórum de Educação: Leis 10.639/03 e 11.645/08 Gênero e Diversidade sexual  
VII Encontro Estadual de Educação das Relações Étnicas  
II Festival das Artes: ancestralidades em movimento  
IV Congresso Internacional de Educação, Língua, Cultura e Território - CIELCULTT

16 A 20  
NOVEMBRO  
DE 2024



## METODOLOGIA

O presente estudo tem como finalidade compreender de que maneira a elite influenciou na materialização do mito da democracia racial no Brasil. Deste modo foi utilizado uma pesquisa bibliográfica com a revisão de literatura com distintos autores Azevedo, (1975), Eliane Azevedo, (1987), Moura, (1988), Munanga, (2008) e Bechelli, (2023) que enfatizaram a temática em meados do século XX. Foi consultada a ferramenta de busca referências científicas a Scielo os descritores utilizados foram “Mito da Democracia Racial” e “Elite” além de utilizar livros que abordavam sobre a temática. Os critérios para inclusão foram incluir estudos que abordassem a respeito da temática pesquisada.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir dos resultados encontrados, propõe-se apresentar os resultados em dois subtópicos: o surgimento do Mito da Democracia Racial e a teoria da subordinação.

### Mito da Democracia Racial

Entre o final do século XIX e início do século XX surge o Mito da Democracia Racial, encabeçado pela elite intelectual como forma de alienação dos negros, mestiços e indígenas para incluí-los hipoteticamente na sociedade, onde poderiam exercer seus direitos e deveres enquanto cidadãos.

Nesse sentido, Azevedo (1975, p. 35) ressalta que:

*O Mito da Democracia Racial, isto é da igual oportunidade para os brancos e pretos e mestiços, parece ser mantido ou apoiado em duas ordens de argumentos: primeiro, a forte determinação dos critérios de classe no processo de atribuição de status e de relacionamento individual; segundo, a ausência de hostilidade manifesta e de violência entre brancos e pessoas de cor.*

De acordo com Moura (1988), o Mito da Democracia Racial era mais um mecanismo para evitar o progresso da população negra aos postos de liderança ou prestígio social, cultural ou econômico do branco. Esse mecanismo permanente de barrar a mobilidade social vertical do negro, o impediria avançar na sociedade.

# XX Semana de Educação da Pertença Afro-Brasileira

VI Colóquio Internacional de Educação das Relações Étnicas  
VII Encontro de Religiões de Matriz Africana  
VII Fórum de Educação: Leis 10.639/03 e 11.645/08 Gênero e Diversidade sexual  
VII Encontro Estadual de Educação das Relações Étnicas  
II Festival das Artes: ancestralidades em movimento  
IV Congresso Internacional de Educação, Língua, Cultura e Território - CIELCULTT

16 A 20  
NOVEMBRO  
DE 2024



Nesta mesma perspectiva, Azevedo (1975), frisa que o Mito da Democracia Racial seria responsável pela persistência de convicções etnocêntricas de não existência de problemas raciais e da incapacidade e irresponsabilidade da gente de cor para o desempenho de certos papéis sociais.

Esse mito também se caracterizou como, um orgulho nacional que se deu ênfase como prova da ausência de preconceitos e de tensões nos diversos âmbitos da vida. Dessa perspectiva, o mito expressava, não apenas uma realidade histórica, mas virtude própria, talvez inata e exclusiva dos brasileiros, que em nenhuma parte do mundo se reproduz com as mesmas características e a mesma espontaneidade. (Azevedo, 1975)

Trata-se, portanto, de um exemplo que deveria ser tomado, por outras nações, por representar, naquele período, a solução dos problemas étnicos, no qual o Brasil seria um país harmonioso com a narrativa de ter conseguido transcender o problema do racismo. Decerto, a ideia de país onde todas as raças viviam em harmonia foi amplamente difundida pelo estado brasileiro, além de invisibilizar as questões raciais, assim como, a falsa democracia racial gerou dificuldades no processo de construção da identidade do negro.

De acordo com Florestan Fernandes (1965) o Mito da Democracia Racial seria apenas um discurso de denominação política, não expressava nem um ideal, nem algo que existisse de fato, seria usado apenas para anular a comunidade negra, como um discurso de dominação, numa perspectiva apenas simbólica. (Fernandes, 1965, apud Guimarães, 2003).

Trata-se de uma realidade construída no Brasil num período que a própria elite brasileira se organizou para a vinda de imigrantes estrangeiros, no qual os mesmo tinham oportunidades e os negros e mestiços eram excluídos. Essa mentalidade que o negro é inferior permanece, reforçando discursos, cuja finalidade não é garantir a igualdade racial, mas reforçar a superioridade do branco.

Do mesmo modo, Eliane Azevedo (1987) salienta que à medida que as sociedades modernas evoluem, tecem-se redes de valores sociais que aprisionam

# XX Semana de Educação da Pertença Afro-Brasileira

VI Colóquio Internacional de Educação das Relações Étnicas  
VII Encontro de Religiões de Matriz Africana  
VII Fórum de Educação: Leis 10.639/03 e 11.645/08 Gênero e Diversidade sexual  
VII Encontro Estadual de Educação das Relações Étnicas  
II Festival das Artes: ancestralidades em movimento  
IV Congresso Internacional de Educação, Língua, Cultura e Território - CIELCULTT

16 A 20  
NOVEMBRO  
DE 2024



e escravizam pessoas, e que quanto mais complexa, competitiva e estratificada é, mais diversas e eficazes são as formas de aprisionamento de seus membros.

Além disso, o Mito da Democracia Racial existente no Brasil foi sofisticado e perverso porque produz uma consciência distorcida para todos os envolvidos das relações raciais, tal qual é uma construção social que visa colocar o homem branco em lugares de poder, e manter esses lugares, onde o negro é objetificado e submisso.

## Teorias de Subordinação

No início do século XX, com a popularização da eugenia entre as elites, a ideia de branquear o Brasil ficou ainda mais forte, quando o médico Renato Khel sob um viés eugenista, acreditava em uma política de imigração seletiva e no branqueamento da população para o país prosperar (Azevedo, 1975)

Posto isso, nota-se que no início da República houve um processo de miscigenação que era encarado como um processo de degeneração, em que os pensadores eugenistas defendiam a hierarquização das raças, sendo essa uma realidade que havia separação entre raça superior e inferior. Por essa razão, o mestiço, negro ou indígenas não reuniam as melhores qualidades do branco. (Guimarães, 2003).

Deste modo, a elite era formada majoritariamente por pessoas brancas que se sentiam superiores e almejavam o branqueamento da nação. Essa elite se auto identificava como tipo ideal, representativo da superioridade étnica na sociedade, o branco europeu e, em contrapartida, como tipo negativo, inferior, étnica e culturalmente, o negro. (Moura, 1988)

Segundo Munanga (2008), para a elite nacional a diversidade racial existente, era uma ameaça e um grande obstáculo no caminho da construção de uma nação branca, e com isso surgiram ideologias de pensadores da época, como Silvio Romero que foi um dos mais importantes e conhecidos representantes do pensamento racial, e defendia que, um povo com uma raça inferior ou degenerada não poderia produzir uma nação forte. (Bechelli, 2023).

Nessa linha, Nina Rodrigues, discriminar quem era médico e psiquiatra,



# XX Semana de Educação da Pertença Afro-Brasileira

VI Colóquio Internacional de Educação das Relações Étnicas  
VII Encontro de Religiões de Matriz Africana  
VII Fórum de Educação: Leis 10.639/03 e 11.645/08 Gênero e Diversidade sexual  
VII Encontro Estadual de Educação das Relações Étnicas  
II Festival das Artes: ancestralidades em movimento  
IV Congresso Internacional de Educação, Língua, Cultura e Território - CIELCULTT

16 A 20  
NOVEMBRO  
DE 2024



sempre demonstrou uma grande preocupação entre o vínculo entre a raça e o comportamento social. Procurou analisar o negro dentro de uma interpretação científica, como também acreditava que o negro fosse de raça inferior. (Bechelli, 2023), bem como o autor Euclides da Cunha, que estava vinculado às teorias racistas do seu tempo. Possuía de mestiço como por vezes inferior, ora analisando em pé de igualdade com o branco, ou mesmo superior a este. A questão racial para ele fazia parte da busca de compreensão de uma dualidade, na qual conviviam a civilização e a barbárie.

Em contrapartida, Oliveira Viana diante dos autores do seu tempo era visto como um retardatário. As teorias raciais surgem em Viana, por exemplo, de forma muito diferente daquelas apresentadas no final do século XIX e no início do século XX. Oliveira Viana foi um pensador e escritor 'racista' no exato termo da palavra, a partir das teorias raciais se estabeleceu a ordem social. Ele defendia a existência de uma diversidade racial que caracterizava o povo brasileiro, enfatizando que, por esse motivo, não tínhamos uma unidade de raça, civilização e mesmo linguística. Como resultado desta diversidade, seria impossível a existência da igualdade social, ou seja, era a desigualdade social fruto de uma desigualdade racial. (Bechelli, 2023).

Todos intelectuais da época citados anteriormente, tinham em comum a influência do determinismo biológico e acreditavam na inferioridade das raças não brancas, sobretudo, da negra. Assim como, é bom frisar que os antecessores do escritor Gilberto Freyre possuíam um pensamento majoritariamente de preconceitos contra o negro.

Por outra perspectiva, Gilberto Freyre por meio do seu livro Casa Grande e Senzala retrata a escravidão composta por senhores bondosos e escravos submissos e harmônicos, desfazendo a possibilidade de ver o período escravismo cheio de contradições agudas. O mito do 'bom senhor' de Freyre é uma tentativa intencionalmente arquitetada para interpretar as contradições estruturais do escravismo como simples episódio epidérmico, sem importância, que não chegaram a desmentir a existência dessa harmonia entre exploradores e

# XX Semana de Educação da Pertinência Afro-Brasileira

VI Colóquio Internacional de Educação das Relações Étnicas  
VII Encontro de Religiões de Matriz Africana  
VII Fórum de Educação: Leis 10.639/03 e 11.645/08 Gênero e Diversidade sexual  
VII Encontro Estadual de Educação das Relações Étnicas  
II Festival das Artes: ancestralidades em movimento  
IV Congresso Internacional de Educação, Língua, Cultura e Território - CIELCULTT

16 A 20  
NOVEMBRO  
DE 2024



explorados durante aquele período. (Moura, 1988)

Como posto, o Mito da Democracia Racial no Brasil foi um plano de contenção dos negros, mestiços e indígenas para que assim, eles se sentissem incluídos na sociedade de forma subjetiva. E para qual, os brancos prevalecessem nos espaços e os menos desfavorecidos não tivessem acesso aos espaços e uma vida digna que tanto o Mito da Democracia Racial propagava.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como posto, o artigo teve a finalidade de apresentar como a elite influenciou na materialização do Mito da Democracia Racial, assim, com a fundamentação de distintos autores(a) e idealistas daquela época foi possível identificar que o Mito da Democracia Racial evidentemente foi uma ideologia meramente ilusória do século XX, em que a diversidade étnica vivia em harmonia, em contrapartida, caso os desfavorecidos se rebelarem, haviam represálias como prisões.

Embora, estamos num tempo não muito distante do século XX, quando o Mito da Democracia Racial foi idealizado, no qual se utilizava métodos distintos para que as pessoas negras pensassem que estava incluídas na sociedade e que tinham direitos como os brancos, atualmente, ainda estão presentes esses métodos, com roupagem diferenciada na sociedade brasileira.

A elite brasileira predominava brancos intelectual, estavam preocupadas em defender seus interesses sejam sociais e econômicos e não mediriam esforços para se chegar a eles e não haveria limites que seria estabelecido.

Deste modo, o Mito da Democracia Racial nos faz pensar que sempre existirá uma democracia entre aspas, que de fato é ilusória, no qual somos manipulados e obrigados a seguir tudo o que o sistema nos propõe. De longe até parece ser boa as propostas impostas pelo Governo, o que rege a sociedade, mas nem tudo que é ofertado realmente será benéfico à população. O mito da democracia me fez refletir que mesmo no século XXI, ainda existe o mito da democracia de diferentes formas, mas com a mesma finalidade de nos calar e coagir-nos para que assim,

# XX Semana de Educação da Pertença Afro-Brasileira

VI Colóquio Internacional de Educação das Relações Étnicas  
VII Encontro de Religiões de Matriz Africana  
VII Fórum de Educação: Leis 10.639/03 e 11.645/08 Gênero e Diversidade sexual  
VII Encontro Estadual de Educação das Relações Étnicas  
II Festival das Artes: ancestralidades em movimento  
IV Congresso Internacional de Educação, Língua, Cultura e Território - CIELCULTT

16A20  
NOVEMBRO  
DE 2024



sejamos sujeitos fáceis de se governar, em que a supremacia pode dominar e ditar regras.

## REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Thales de. **Democracia Racial**: ideologia e realidade. Petrópolis, Vozes, 1975.

AZEVÊDO, Eliane. **Raça**: Conceito e preconceito. São Paulo, Ática S.A, 1987.

BEHELLI, Ricardo Sequeira. **Tensões no paradigma racial**: Silvio Romero, Nina Rodrigues, Euclides da Cunha e Oliveira Viana. 1 Ed. Jundiaí -SP: Paco, 2023.

CONRADO, Mônica Prates. A questão racial no Brasil sob a perspectiva de Gilberto Freyre e Florestan Fernandes. **Humanitas**, v. 20, n. 1/2, p. 83-98, 2004.

DOMINGUES, Petrônio. **O Mito da Democracia Racial e a mestiçagem no Brasil** (1889-1930). Diálogos latino-americanos, n. 10, p. 0, 2005.

FERNANDES, Florestan. **A integração do negro na sociedade de classes**. São Paulo: Ed. Nacional, 1965.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 2.ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GUIMARÃES, Antônio Sergio Alfredo. Como trabalhar com raça em sociologia. **Educação e Pesquisa**. São Paulo, v.29, n.1, p.93-107.2003.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. Democracia racial. **Cadernos Penesb**, v. 4, p. 33-60, 2002.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. **Depois da democracia racial**. Tempo social, v. 18, p. 269-287, 2006.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. **A democracia racial revisitada**. Afro-Ásia, n. 60, p. 9-44, 2019.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. Democracia racial: o ideal, o pacto e o mito. **Novos Estudos Cebrap**, v. 61, n. 3, p. 147-162, 2001.

LIMA, Kátia Regina de Souza. Desafios éticos e políticos da luta de classes eo mito da democracia racial em Florestan Fernandes. **Revista Katálysis**, v. 20, n. 03, p. 353-362, 2017.

# XX Semana de Educação da Pertença Afro-Brasileira

VI Colóquio Internacional de Educação das Relações Étnicas  
VII Encontro de Religiões de Matriz Africana  
VII Fórum de Educação: Leis 10.639/03 e 11.645/08 Gênero e Diversidade sexual  
VII Encontro Estadual de Educação das Relações Étnicas  
II Festival das Artes: ancestralidades em movimento  
IV Congresso Internacional de Educação, Língua, Cultura e Território - CIELCULTT

16 A 20  
NOVEMBRO  
DE 2024



MOURA, Clóvis. **Sociologia do negro brasileiro**. São Paulo, Ática S.A, 1988.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra**. Belo Horizonte: Autêntica.2008

SILVA, Lucimara Pereira. **Mito da Democracia Racial**. Revista Estudos Lat, v. 12, n. 1, 2024.

SILVA KERN, Gustavo. Gilberto Freyre e Florestan Fernandes: o debate em torno da democracia racial no Brasil. **Revista Historiador**, n. 6, 2014.